

**BRASIL PROFUNDO** Associações indígenas do rio Negro se preparam para disputar as eleições em São Gabriel da Cachoeira

# Índios querem o poder na principal reserva

AURELIANO BIANCARELLI  
ENVIADO ESPECIAL AO RIO NEGRO

Os índios das reservas do Alto e Médio Rio Negro, 22 etnias espalhadas pelas matas amazônicas que fazem divisa com a Venezuela e a Colômbia, querem conquistar a Prefeitura de São Gabriel da Cachoeira nas próximas eleições.

O município, o segundo maior em área do país, é a sede do Distrito de Saúde Indígena do Rio Negro, com 108 mil km<sup>2</sup> de extensão e 3.000 km de rios importantes.

Juntas, as reservas equivalem quase à metade do Estado de São Paulo. A cidade, com 12 mil habitantes, fica a cerca de mil quilômetros a noroeste de Manaus. Outros 21 mil indígenas desse distrito estão espalhados por 520 aldeias e mais de 200 sítios.

Gabriel, como a cidade é conhecida, é uma espécie de capital e porta de controle do maior e mais preservado dos 35 distritos sanitários indígenas do país.

Mais de 95% dos habitantes dessa região são índios, mas o prefeito é branco. Dos nove vereadores, seis são indígenas, embora "apenas três estejam envolvidos com as questões indígenas". "Há um consenso entre nossas associações de que podemos e devemos assumir a prefeitura", diz o vereador Domingos Sávio Camico, 32, do PV e da etnia baniwa.

Em todo o país, os índios têm um único prefeito eleito, em Baía da Traição, na Paraíba. Nas últimas eleições municipais, de 342 candidatos indígenas, foram eleitos seis vice-prefeitos e 82 vereadores, de acordo com o Cimi (Conselho Indigenista Missionário). Pelo Censo de 2000, existem 734.127 índios no país. Cerca de 200 mil têm título de eleitor.

Entre as associações indígenas da região, a mais conhecida é a Foirn (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro), fundada em 1987 e que reúne mais de 50 organizações de base. É a mais antiga e mais profissional de todas as entidades indígenas. A diretoria e quadros de primeiro escalão são índios das várias etnias. A Foirn ficou conhecida quando lutou durante anos pela demarcação das terras da região. "Nossa bandeira era a proteção da selva amazônica", diz Braz de Oliveira França, 57, da etnia baré, coordenador do convênio com a Fundação Nacional de Saúde.

Por causa desse convênio, a Foirn é hoje a responsável pelo serviço de saúde de toda essa região. A um custo anual de R\$ 8,6 milhões, a federação mantém quatro médicos, oito dentistas, 16 enfermeiros, 70 técnicos de enfermagem e 125 agentes de saúde. Os últimos, todos indígenas, são treinados e moram nas aldeias.

Para atingir os 21 mil índios em toda a área, 30 voadeiras (barcos de alumínio com motor) consomem cerca de 30 mil litros de gasolina por mês.

A central, em São Gabriel, monitora com computadores todo o movimento das equipes e alerta para as situações mais críticas. Por exemplo, 70% dos índios da comunidade Mariba estão com suspeita de tuberculose e precisam de exames e tratamento. O hospital mais próximo, de Iauareté, tem um aparelho de raio-X, a Foirn ofereceu os filmes, mas faltam os quadros para a adaptação desses filmes. Também não há soro antiofídico na região.

Situações como essas levaram a



O médico gaúcho Oscar Espellet Soares examina uma índia na aldeia Santo Atanásio; ele levou dez horas para chegar ao local

Marlene Bergamo/Folha Imagem

**SEU TALENTO  
SÓ VENCE SE  
CONHECER AS  
PESSOAS CERTAS:  
NOSSOS  
PROFESSORES.  
FAÇA FACULDADE  
NO SENAC.**

- Ciência da Computação
- Design de Multimídia
- Design Gráfico
- Fotografia
- Gastronomia
- Gestão Ambiental
- Hotelaria
- Moda
- Turismo

Vestibular:  
inscrições abertas.  
0800 883 2000  
www.sp.senac.br



Vestibular unificado Senac/PUC.

LABE MARY



Foirn a lutar por um desenvolvimento auto-sustentável das tribos, com atividades que fazem parte de suas tradições, mas que possam alimentá-los. Só remédio não vai salvá-los.

Na semana passada, o presidente da Foirn, Orlando José de Oliveira, 51, da etnia baré e formação em filosofia, viajou para a Europa e a Austrália em busca de financiamento para os vários projetos

auto-sustentáveis em andamento. Nos relatórios que levou, estão projetos de criação de peixes da região, que já dão bons resultados há quatro anos, de plantio de mandioca e de incentivo ao arte-

sanato das tribos, especialmente o de folhas da palmeira tucum.

Os projetos da Foirn, em parceria com várias instituições, também incluem escolas indígenas pilotos e a recuperação da cultura e das tradições de pajés e cumus (benzedores) de cada etnia.

Incluem também uma rádio própria que possa transmitir nos vários idiomas e que possa ser ouvida em toda a região. Para ter um programa de meia hora por semana na rádio municipal, a Foirn paga R\$ 250 e é proibida de falar em outra língua que não seja o português.

AURELIANO BIANCARELLI viajou a convite da Foirn

**FRASES**

*Há um consenso entre nossas associações de que podemos e devemos assumir a prefeitura [de São Gabriel]*

DOMINGOS SÁVIO CAMICO  
Índio baniwa, vereador do PV

*Na presença deles [pajés], o paciente tem mais confiança*

OSCAR ESPELLET SOARES  
médico que cuida de índios do rio Negro

## Médico se adapta às tradições e leva pajé nas consultas

DO ENVIADO ESPECIAL AO RIO NEGRO

O cirurgião gaúcho Oscar Espellet Soares, 38, é uma figura mítica para os índios. Em quatro anos na mata, aprendeu a respeitar os complexos desejos e tradições de seus pacientes, os 21 mil índios que vivem no Médio e Alto Rio Negro.

Por onde caminha e por onde navega, Oscar sempre carrega sua enorme mochila com instrumentos cirúrgicos e medicamentos essenciais.

Quarta-feira. O "doutor Oscar" está voltando de 20 dias na selva. Sua base, um dos pólos da parceria com a Funasa (Fundação Nacional de Saúde), é Iauareté, co-

munidade indígena na divisa com a Colômbia.

Sua missão agora é chegar a Santo Atanásio, uma das mais inóspitas aldeias dos hupdas, doentes e desnutridos.

A previsão é de um dia de viagem. Três horas descendo o rio Uaupés, quatro horas em igarapés e outras três horas caminhando em trilhas.

Seria assim se o barco do "doutor Oscar" não fosse reconhecido nas margens dos rios e se, pelo rádio, as comunidades não pedissem o auxílio do "doutor".

No dia seguinte, Oscar visita cada uma das famílias, examinando crianças com vermes, medindo a pressão dos velhos e apalpando a

barriga das "buchudas", as muitas grávidas de 13, 15, 17 anos.

Com olhos de antropólogo autodidata, ele aprendeu a convidar o benzedor ou o pajé para visitar os doentes com ele.

"Na presença deles, o paciente tem mais confiança e toma a medicação", conta.

O grupo parte na manhã de sábado para fazer uma cirurgia na aldeia Fazendinha, às margens do Uaupés.

Como não chovera nos dias anteriores, os igarapés baixaram muito e os troncos emergiram num emaranhado difícil de ser atravessado.

Sentado na proa, Oscar indica os caminhos mais plausíveis ao

barqueiro, mas o barco com frequência entala em troncos e árvores atravessados no rio.

A viagem, que tomaria três horas, levou seis, e o "doutor" caiu três vezes na água.

Com quatro horas de atraso, às 15h, o grupo atraca na Fazendinha. Lá está Venceslau Fonseca, 58, corajoso, cego e esperançoso.

O "campo cirúrgico" é montado dentro da maloca. Venceslau deita-se no banco, o médico se senta na cabeceira, e cada palavra vai sendo traduzida pelo técnico em enfermagem Plínio José Ferraz, da etnia uanano, que fala a língua tukanano.

Venceslau sofre de tracoma, uma doença que o Brasil já diz ter

erradicado, mas que brota nas regiões de maior miséria. As vítimas sentem as pálpebras raspando as córneas, num processo doloroso que dura anos e acaba cegando.

Essa é a 77ª cirurgia de tracoma que Oscar está fazendo em "campo aberto", seguindo recomendação da Organização Mundial da Saúde. Se tentasse levar o paciente a um hospital, ele se recusaria.

Venceslau poderá voltar a caçar. Para sobreviver, seu grupo hupda leva duas horas de barco para emprestar uma espingarda dos tukanos da outra margem. Se naquela noite caçar algo, terão o que comer. Se não, passarão fome.

Segunda-feira. O médico está a caminho de São Gabriel da Ca-

choeira, 14 horas de voadeira rio abaixo, onde está a sede da Foirn (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro).

A equipe dorme em Taracua, onde surgem, no meio da mata, as torres imponentes da igreja e dois majestosos prédios que formavam o complexo salesiano do Uaupés. Nas décadas de 40 e 50, essa grande estrutura abrigou 600 crianças e adolescentes indígenas em regime de internato.

São 18h, e os sinos das torres soam pelo vasto rio. Alguns padres e freiras rezam na grande nave, até que os índios vão chegando, interessados na grande TV que mostrará a novela das oito.